

A PRÁTICA DOCENTE DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA DA REDE
PÚBLICA DE ENSINO DE SANTA CRUZ DO SUL
TEACHING PRACTICE OF TEACHERS OF HISTORY IN PUBLIC
SCHOOLS OF SANTA CRUZ DO SUL

Viviane Inês Weschenfelder¹

Prof. Dr. Olgário Vogt

Prof. Ms. Nadir Emma Helfer

RESUMO

É do conhecimento de todos que em diversas escolas a mudança na educação proposta pela Legislação na década passada foi apenas teórica. Nesse sentido, a História é uma das disciplinas onde os professores apresentam mais dificuldades em romper com o ensino tradicional. Assim, o trabalho de entrevistar os professores de história da rede pública de ensino de Santa Cruz do Sul com o método da História Oral toma extrema relevância, pois é necessário verificar como está sendo realizado o trabalho, com o intuito de conhecer a realidade e propor melhorias, principalmente à comunidade acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: História - Ensino - História Oral

ABSTRACT

It is common knowledge that in several schools the changes in education proposed by the Legislation in the last decade was only theoretical. In this way, History is one of the disciplines where teachers face more difficulties in breaking with traditional teaching. So, the work of interviewing the teachers of history of public schools of Santa Cruz do Sul with the method of Oral History takes extreme relevance because it is necessary to check how work is being done, with the aim to know reality and suggest improvements, mainly to the academic community.

¹Acadêmica de História da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

KEYWORDS: History – Teaching – Oral History

A crise educacional com a qual nos deparamos atualmente é motivo de preocupação e de intensas discussões no meio acadêmico e na sociedade em geral. De todos os segmentos sociais, infelizmente é a educação o meio que mais sofre. Falta interesse e dedicação por todos os lados: da União, que apesar de ter que destinar um percentual mínimo de recursos à rede pública, alega falta de financiamento; dos meios de comunicação, que poderiam auxiliar com denúncias e críticas; do cidadão brasileiro, que assiste o dilema de mãos atadas. Atentos aos acontecimentos diários, o professor sente-se perdido, não sabe para onde caminhar e como seguir de forma produtiva a profissão que escolheu para seguir.

Nesse sentido, a construção de contexto social digno exige uma formação crítica e voltada para a realidade desde a formação do indivíduo, e por isso é preciso dar a devida importância ao ensino de História. Como componente Curricular, a História

contribui para a reflexão e conscientização dos homens, desenvolve a capacidade de lidar com situações novas, acionando os conhecimentos construídos, redirecionando-os para a resolução de problemas, tanto para as decisões pessoais quanto para as grandes questões que afligem as comunidades e a humanidade como um todo. (PCNs de História, 2003, p. 89)

Sabemos que ensinar História de forma crítica e construtiva não é fácil, ainda mais se levarmos em conta as dificuldades que o professor enfrenta. A imagem do historiador na sala de aula e no próprio estabelecimento de ensino é muitas vezes deturpada, sendo ele considerado pela escola o "pau para toda obra", aquele que é menos importante que o professor de Língua Portuguesa e Matemática, aquele que pode substituir aulas, ensinar Geografia, Ensino Religioso, Artes. Essa situação é identificada em muitos municípios, em especial nas escolas públicas, geralmente com defasagem no quadro de docentes. Ainda assim, se o professor de História não estiver à frente das pesquisas e lutar junto à direção, ele corre o risco de ser mal visto pelos seus próprios colegas.

Dado o momento em que passou a vigorar a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96), o ensino tradicional cedeu lugar a uma perspectiva linear, articulada e vinculada à realidade do educando. Em diversas escolas essa mudança foi apenas teórica, pois a História é uma das disciplinas em que os professores apresentam mais dificuldades em romper com o tradicional. Infelizmente, poucos professores valorizam a experiência do aluno, mesmo sabendo que esta deve ser a ferramenta que norteia todo o ensino. O próprio professor não está valorizando seu

conhecimento e sua cultura. Devido a dificuldades pessoais, carência de recursos e toda a crise educacional por todos enfrentada, a forma criativa e construtiva de trabalhar a história fica em segundo plano.

É dentro desse contexto que o desenvolvimento desta pesquisa toma relevância. Santa Cruz do Sul é um município com indicadores educacionais positivos, principalmente quando comparado aos demais municípios que compõem o vale do Rio Pardo. No entanto, é interessante e produtivo investigar como trabalham e o que pensam os professores da disciplina de História das escolas públicas de Santa Cruz do Sul. Com o método de História Oral, foi possível identificar a prática de ensino e as mudanças ocorridas no decorrer dos anos, particularmente na formação dos professores e sua forma de atuação em sala de aula.

Paul Thompson (1992) nos diz que a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, contribuindo para torná-la ainda mais rica, viva, comovente e verdadeira. Não foram realizadas entrevistas para avaliar o conhecimento do professor ou criticá-lo, mas a fim de buscar um diálogo aberto sobre todos os aspectos do ensino de história, procurando identificar os pontos comuns entre os entrevistados e chegar a algumas conclusões.

A pesquisa foi desenvolvida com professores de algumas das escolas públicas de Santa Cruz do Sul. Procurei entrevistar docentes com formação em diferentes épocas e instituições, comparando a metodologia utilizada por professores recém formados e os que já possuem vários anos de prática. Juntamente com esses dados, observei as condições sociais da comunidade escolar e os recursos que a escola possui, sendo que esses aspectos são imprescindíveis para um ensino de qualidade. Quanto menores e mais precárias as condições financeiras da instituição e dos alunos, maiores são as dificuldades pedagógicas.

A metodologia utilizada na pesquisa é basicamente a História Oral. As visitas às escolas foram agendadas com a direção e os próprios entrevistados. Com o uso de um gravador, a entrevista foi desenvolvida com questões abertas, no intuito de estimular a expressão de idéias, críticas e opiniões próprias.

O historiador oral é algo mais que um gravador que registra os indivíduos "sem voz", pois procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a conseqüente análise histórica; que seu papel como pesquisador não se limite ao de um entrevistador eficiente, e que seu esforço e sua capacidade de

síntese e análise não sejam arquivados e substituídos pelas fitas de gravação.
(LOZANO, 1994, p. 17)

O intuito, durante a execução das entrevistas, foi detectar, junto aos professores, como anda o ensino de História no município de Santa Cruz do Sul. A entrevista foi realizada por partes, de acordo com os temas propostos para discussão. Foram observados: a formação de cada professor, as turmas com as quais trabalha, o interesse pessoal pela disciplina, a infraestrutura da escola (acervo bibliográfico, mapas, vídeos, informática), utilização do livro didático, dificuldades quanto ao seu trabalho no ensino da disciplina, ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), forma didática de trabalhar, como é realizada a seleção de conteúdos e forma de avaliar.

Durante a execução da pesquisa, muitos aspectos puderam ser observados. A forma como o estudante da Universidade é recebido na escola, por exemplo. Algumas instituições representadas ficaram muito lisonjeadas por serem escolhidas como foco da pesquisa. Outras, por sua vez, demonstram certa desconfiança, como se o visitante estivesse ali apenas com o intuito de inspecionar, criticar o trabalho dos funcionários. Houve também uma curiosidade por parte da direção da escola, sobre o tema e o direcionamento da pesquisa. Após esse primeiro momento, os professores passaram inclusive a colaborar com a execução das entrevistas, realizando substituição de colegas nas salas de aulas.

Além disso, os professores foram extremamente sinceros quanto ao seu trabalho. Não sentiram problema algum em admitir seu gosto particular ou não pela História, as dificuldades com as quais convivem ou não no seu cotidiano, e a forma como trabalham e avaliam seus alunos. Geralmente os professores de História são falantes e participam ativamente da vida escolar, gerenciando projetos, organizando pesquisas, viagens, ou ainda atuando como conselheiros de turma.

Praticamente todos os professores possuem a mínima formação exigida (graduação) e procuram atualizar-se através de cursos e palestras. A presença da UNISC no município, mesmo que este assunto não tenha estado na pauta das discussões, pareceu fator determinante para a formação continuada destes docentes. Possuem consciência da qualidade do curso de História oferecido, e como as escolas estão abertas para receber estagiários, não gostariam de sentirem-se menosprezados frente às novas formas de trabalhar trazidas pelo formando. A seguir, estão os principais assuntos e os depoimentos considerados significativos.

INTERESSE PESSOAL PELA DISCIPLINA DE HISTÓRIA.

Não vejo a continuação do estudo como um gasto, mas como um investimento. Quando me aposentei pelo município, decidi trabalhar apenas 20 horas pelo Estado para poder estudar. Tenho paixão por dar aula. Hoje continuo sempre fazendo cursos e me aperfeiçoando. Acho que a educação hoje precisa dessa dedicação por parte do professor. Os alunos também exigem isso, estão na sala de aula conversando porque a gente não consegue trabalhar como deveria (informação verbal)².

Percebo que os alunos gostam das minhas aulas. Não tenho problemas de disciplina nem de reprovação. Acho que o professor precisa ser muito claro e coerente na forma de trabalhar e avaliar. Se o aluno não sabe como está sendo avaliado, pode se voltar contra ti e contra a disciplina.

A maioria dos professores entrevistados demonstrou gostar muito de História e percebem que seus alunos gostam das aulas. Ficou claro que, se o professor não estiver bem certo do conteúdo ou do trabalho que irá propor, a situação poderá se inverter. Da mesma forma o educando precisa estar ciente de que sua produção em sala de aula está sendo avaliada a todo o momento, caso contrário, acaba se desinteressando.

INFRA-ESTRUTURA DA ESCOLA

De acordo com os professores, as escolas possuem o básico. Todas contam com televisor e DVD, mas precisam buscar o filme que desejam trabalhar fora da escola. Os livros geralmente são raros, o que acaba limitando a pesquisa. A maioria possui algumas revistas e jornais, instrumento mais utilizado. Os professores sentem a falta da informática e de um laboratório que possua internet. Grande parte dos alunos não possui acesso a ela, impossibilitando o professor de exigir uma pesquisa *on-line*. Apenas uma das escolas visitadas possui equipamento multimídia.

² As entrevistas são gravadas sem o nome do professor e da escola. O que importa é o contexto, observado pela entrevistadora. Todas as transcrições não serão identificadas pelo nome.

USO DO LIVRO DIDÁTICO

Utilizo, mas apenas no Ensino Fundamental. Eu particularmente não costumo usar o livro didático, mas considero importante para que o aluno tenha algum embasamento teórico. É preciso trabalhar com outras fontes para conhecer outras abordagens.

Nós utilizamos o livro didático História Crítica, considerado muito bom e adotado por escolas particulares, como o Mauá. A cada três ou quatro anos temos a possibilidade de escolher um novo livro, e nesse momento entramos em contato com outras escolas, com a graduação e mestrado da UNISC para ver o que têm a nos dizer. Buscamos o amparo de alguém que está mais atualizado que nós. O uso do livro didático serve de base para o aluno, mas não é o todo. Há necessidade de atualizar sempre o conteúdo. Eles buscam informações na internet, nas revistas, contextualizando o que estão estudando.

Como pode ser visto nas transcrições acima, o Livro Didático não possui aprovação pela maioria dos professores, mas é um instrumento muito utilizado na sala de aula. Com a falta de recurso para pesquisa nas escolas, ele torna-se o amparo de leitura para os alunos, que não possuem outras fontes de leitura. Esse fator não é negativo, desde que o professor saiba utilizá-lo de forma crítica e adequada. O que lamentavelmente ocorre muitas vezes é o exclusivo uso do Livro Didático, método facilitador para o professor que não teve tempo de preparar suas aulas como deveria. Felizmente, esse não foi o caso dos entrevistados.

DIFICULDADES QUANTO AO SEU TRABALHO

Estamos disputando o tempo todo com o que o resto do mundo oferece. Muitas vezes o professor possui apenas o quadro e o giz, por isso precisa ser extremamente criativo para despertar o interesse no aluno. Tanto o docente como o aluno são vítimas desse sistema, que acaba colocando a escola em uma situação difícil. Muitos alunos não têm perspectiva de estudar, de continuar o Ensino Superior. A maioria sabe que não tem capacidade para concorrer com alunos de escolas particulares, nem só pela qualidade de ensino, mas pelo próprio contexto social.

A principal dificuldade é a disponibilidade do material didático. Às vezes não temos nem o papel pardo e precisamos cobrar dos alunos para dar aula, e eles também não têm condições. Não podemos dispor do nosso salário para comprar muito material.

Há dificuldades no trabalho, tanto na escola particular quanto na pública. O aluno da escola particular é mais arrogante e não aceita tão democraticamente a proposta de trabalho, pois se tem a idéia, mesmo que velada e subjacente, de que o aluno é um cliente da escola. Um aspecto positivo da escola particular é o ambiente diferenciado, com laboratório de informática geralmente no último nível, o acompanhamento para as aulas. A escola pública propicia uma abertura maior, não há tanta cobrança. Vejo que os alunos, principalmente os do Ensino Médio, gostam dos desafios que lanço, apesar de geralmente não haver tanto interesse por parte do aluno. Sempre comparo meus alunos dos anos 90 com os de hoje. Nos anos 90 eles queriam conteúdo para o vestibular, queriam sempre mais. Os alunos atualmente são mais acomodados, a grande maioria faz o mínimo desejado. Muitos fazem cursinho, e por isso acham que não precisam dedicar-se à disciplina.

As turmas noturnas restringem muito quanto a atividades diferentes, como trabalhos de pesquisa em casa, passeios. Os alunos na maioria trabalham inclusive aos sábados, então costumo apresentar determinada proposta de trabalho, saber se é viável. Dou espaço para trabalhar em grupo na aula, enquanto estou orientando e assessorando. A compra de livro didático é outra dificuldade, porque, mesmo que tenham condições, vão privilegiar outra coisa.

ENEM

O ENEM é uma realidade. Participamos de algumas palestras e procuramos trabalhar de forma interdisciplinar, fazendo projetos com a proposta com a qual o ENEM trabalha, através de competências e habilidades (exemplifica com diversos trabalhos envolvendo outras disciplinas). Mas quando passamos nas salas para realizar a inscrição poucos alunos se inscrevem, ainda não possuem clareza quanto à importância do ENEM.

Valorizamos o ENEM, pois há um trabalho juntamente à Orientação Vocacional para sua divulgação. Procuro, no decorrer da disciplina, colocar nas provas e nos exercícios

questões do ENEM, que são diferentes e com as quais os alunos precisam estar preparados. A maioria de nossos alunos vai prestar o vestibular. Então precisam fazer provas objetivas, até para os concursos posteriormente.

Eu não me preocupo com isso. Nem um pouco. Até porque os conteúdos básicos já estão inseridos no currículo.

Infelizmente, nem todos os professores estão preocupados em preparar seus alunos para o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM). Com a fundação e ampliação do programa PROUNI, os alunos de escola pública agora podem ingressar no ensino superior em universidades pagas, como bolsistas. Mas se os alunos concluem o Ensino Médio sem conhecer ou mostrar interesse pelo Exame, dificilmente o farão mais tarde, como tem acontecido normalmente. Esse ainda é um obstáculo a vencer, junto aos professores e à escola pública como um todo.

Todos os professores entrevistados enfatizaram a necessidade de contextualizar o conteúdo e vinculá-lo à realidade do educando. Entendem que somente desta forma o aluno compreende o que está sendo estudado e é despertado seu interesse pela disciplina. Nesse sentido, a disciplina de História deve ser trabalhada levando em conta o indivíduo e sua realidade social. Através da criticidade, o professor poderá discutir qualquer tema, mas precisa tomar cuidado quanto aos ideais de democracia e política, algo que se torna contraditório se não empregado na sala de aula.

No processo histórico que implica o desenvolvimento e transformação da sociedade, a educação e política se articulam cumprindo, entretanto, cada uma das funções específicas e inconfundíveis. Por isso a prática política não pode ser partidária. Em contrapartida a educação [...] supõe a união e tende a se situar na perspectiva da universalidade. Por isso ela não pode ser partidária. (SAVIANI, 1986, p.91.).

FORMA DE AVALIAR OS ALUNOS

Avalio tudo que eles fazem. Semestre passado tiveram cerca de sete avaliações. Nossa escola não trabalha com média, mas com conceito. Não costumo fazer provas, apenas a recuperação. Se o aluno não aprendeu é porque não quis, pois tem muitas oportunidades de demonstrar interesse. Dou tema de casa, principalmente para o Ensino Fundamental, pois o

Ensino Médio fica mais complicado, onde a maioria trabalha.

Trabalho com duplas, grupos de pesquisa. Procuo mesclar diferentes trabalhos, jogos de perguntas e respostas, jogo de palavras. Faço prova quando tenho dúvida se os alunos aprenderam. Se todos estão trabalhando, não há necessidade de prova.

Nossa média é cinco. Faço uma prova por trimestre valendo 5, geralmente objetiva. Os demais cinco pontos são diluídos em trabalhos, acompanhamentos, cadernos. Se no final do trimestre o aluno não alcançou o mínimo, fará uma prova dissertativa e recuperará os trabalhos que não foram feitos. Vejo a avaliação como um processo e procuro dar oportunidades para todos mostrarem seu conhecimento.

Não costumo fazer provas. Avalio se eles estão lendo, produzindo, quem está participando. Faço questão que os meus alunos vejam que estou exigindo, cobro apresentação, trabalhos de dupla, elaboração de mapa conceitual, quadro resumo.

De acordo com as entrevistas, os professores entendem a avaliação da disciplina de História como um processo. Com diferentes formas de avaliar, todos os alunos têm a possibilidade de demonstrar o conhecimento adquirido. Desta forma, o professor, além de propor uma aula mais dinâmica, valoriza as competências e habilidades do educando, método proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

O ato de ensinar pressupõe uma intenção consciente do professor no sentido de ajudar o aluno a adquirir conhecimentos, conceitos, idéias e habilidades; daí ser fundamental que o professor se perceba responsável por garantir que a aprendizagem do aluno se realize. Nesse sentido, a avaliação do professor e do aluno é uma maneira de estabelecer o grau de eficácia do ensino e da aprendizagem. (SCHMIDT, 2005, p.149.).

Haveria ainda muitos outros aspectos a citar, mas estes serão desenvolvidos em outra ocasião, quando for possível ampliar e aprofundar a pesquisa. É interessante e construtivo estar diante de professores experientes e que vivem no dia-a-dia a prática docente. Todos mostraram preocupação diante da atual crise educacional, concordando que este trabalho tem a sua devida importância. O professor precisa ser ouvido, ter espaço para discutir, para demonstrar seus interesses e anseios pessoais. Sua vivência diária é muitas vezes complicada, o pouquíssimo tempo livre de que dispõe os impede de falar de algo que consideram tão prazeroso: a História.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe (org). *O saber histórico na sala de aula*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas, 1994.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 14. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1986.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História: pensamento e ação no Magistério*. São Paulo: Ed. Scipione, 2005.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRENNEPOHL, Vera Lucia. *O ensino de História em questão: Os caminhos de uma Experiência*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.